

O Caçador Tradicional de Taçupeba

Gabriela Schwarz
Junho de 2005

Sumário

Apresentação.....	3
Os Entrevistados.....	4
O Caçador Tradicional.....	6
Outros Conhecimentos.....	11
Ditados e Crenças.....	12
Na Mata tem Espírito.....	13
Este conto que eu vou contar, é um conto que os antigos contavam para os jovens aprenderem a respeitar a quantidade de animal que pode caçar.....	14
Sugestões.....	15
Mini Glossário.....	16

Apresentação

Durante um estágio no Instituto Ecofuturo, eu fui mandada ao Parque das Neblinas com a intenção de obter informação suficiente para elaborar um relatório de pesquisa sobre a caça e o extrativismo ilegal de plantas. Para conseguir contatos, entrevistas com caçadores da região, eu estava contando com Sandro. Sandro foi um caçador no passado que tinha abandonado a caça e se juntado ao Parque das Neblinas, onde passou a ser um guia ambiental. Conhecia os caçadores da região. O meu objetivo era de conhecer estes caçadores, suas tradições, e talvez, conseguir informação suficiente para ajudar a interromper a caça na região.

No entanto, fui surpreendida. Não tive contato com pessoas que praticavam extrativismo ilegal e muito menos com “caçadores mercenários” (como foi chamado por Sandro, caçadores ou extrativistas ilegais que entram na mata com intuito de conseguir lucro). Muito pelo contrário, encontrei em Taiçupeba um caçador tradicional, que respeita o meio ambiente, e tem um rico conhecimento sobre a fauna e a flora do lugar. Descobri que passar de caçador a ambientalista (como no caso de Sandro) não é uma situação paradoxal, muito pelo contrário – depois de conhecer a cultura tradicional da caça na região, faz sentido.

Saí do Parque das Neblinas com uma mentalidade muito diferente da qual eu cheguei. Meu objetivo mudou, em vez de querer interromper o relacionamento destes caçadores com a mata, saí de lá com a intenção de promover o acolhimento destes caçadores no Parque das Neblinas, onde a ligação destes caçadores antigos com o Parque poderia enriquecer a vida e o conhecimento de ambos.

Os Entrevistados

Toda minha informação foi adquirida por meio de entrevistas com Sandro, Senhor Marcelino, e o Senhor Mané. Sandro foi o primeiro caçador com que tive contato. Por ter uma ligação com o Parque das Neblinas, logo me acolheu com muita generosidade.

Sandro é nascido em São Paulo, mas na sua pré-adolescência adquiriu um hobby: caçar.

Foi o Senhor Marcelino que ensinou os conhecimentos tradicionais da mata e da caça.

Hoje em dia, Sandro trabalha no Parque das Neblinas como guia. O conhecimento que ele aprendeu, e continua aprendendo com o Marcelino, ele está passando adiante para seu filho de oito anos, Lucas, e futuramente passará para João (1 ano).

O Senhor Marcelino nasceu na região em 1948 e anda no meio da mata desde 1960. Ao contar sobre a mata, seus olhos brilhavam de saudades. Trabalhou para a Suzano por anos, e hoje trabalha como motorista. Hoje em dia, Sr. Marcelino mal entra na mata depois de uma grave fratura na sua perna que incha com facilidade. Não caça há anos, e a última vez que foi, estava junto de Sandro.

O Sr Mané (Manoel) nasceu em Bananau, divisa de Barra Mansa, mas curiosamente, os hábitos da caça que aprendeu com seu pai não eram diferentes dos hábitos encontrados em Taiçupeba (ele chegou em 1982 com seu irmão). Ao chegar na região na sua juventude, logo se juntou aos caçadores. Em geral, caçava com uma cartucheira de 28 ou 32 calibres. Senhor Mané também deixou de praticar a caça, desde sua proibição. Enquanto Marcelino ensinou seu conhecimento para seus filhos e para Sandro, Mané não ensinou nada aos seus filhos, e vendeu todos seus apitos e cartucheira. Durante toda minha entrevista com Mané ele repetiu que se houvesse uma maneira de

legalizar a caça, ele eria, sempre, mas com a proibição, não entra na mata, e morre de medo de ser preso caso fosse na mata.

A reação de Mané não é peculiar. Inicialmente, todos estavam com receio de falar comigo, especialmente por causa da minha ligação com o Parque. Do Parque das Neblinas, eles sentem medo, e com tristeza e nostalgia, ficam longe. Outra razão pela qual imagino que eles têm tanto receio do Parque das Neblinas, é porque muitos trabalharam na Suzano, ou ainda trabalham (por exemplo, o Senhor Mané trabalhou na Suzano durante 22 anos). Errar com o Parque das Neblinas, é também perder o emprego. Mesmo não trabalhando mais na Suzano (como era o caso de Senhor Mané e Marcelino), imagino que o medo continua.

A estes três quero agradecer a confiança, sem eles, este trabalho não poderia ser realizado.

O Caçador Tradicional

Em Taiçupeba, existe uma cultura de caça, antiga e tradicional, que é passado de pai para filho há anos, e é ensinado através da conversa e praticidade. No livro *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil* organizado por Antonio Carlos Diegues e Rinaldo Arruda conhecimento tradicional é definido como: “o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração”.¹ William Balée em *Footprints of the Forest* (1993) também enfatiza a importância da comunicação oral como uma característica de conhecimento tradicional.

Para Balée:

*[há] uma diferença relevante entre o pensamento científico moderno e o tradicional. Enquanto o primeiro é comunicado por meio da escrita, o segundo utiliza oralidade. Nesse sentido, o conhecimento tradicional somente pode ser interpretado dentro do contexto da cultura em que é gerado.*²

Portanto, conhecer quando esta informação é transmitida adiante, o jeito em que ela é transmitida (histórias, explicações, etc.) assim como observar a prática desta informação é entender um pouco do contexto e da cultura, neste caso, da caça. É somente desta maneira que se poderá entender o impacto ambiental e o relacionamento do caçador com a natureza.

O conhecimento tradicional da caça, como relatado anteriormente, é passado oralmente, de pai para filho. A primeira etapa da aprendizagem era aprender a tirar. Todos aprendiam a caçar com seus pais aos, mais ou menos, oito anos de idade, aprendiam a atirar com um *Bodoque* ou com estilingue. Depois, evoluíam para

¹ Antonio Carlos Diegues e Rinaldo S. V. Arruda. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, São Paulo: USP, 2001. pág. 31.

² Arruda e Diegues, 32.

cartucheira, treinando com latas paradas, e depois latas jogadas ao ar. Os pais ensinavam repetidamente para os filhos, até acertarem nas latas com precisão, já que, de acordo com o antigo caçador Marcelino, o verdadeiro caçador só atira, quando tem certeza que mata o animal sem causar sofrimento.

Simultaneamente, as crianças aprendiam a andar na mata (é preciso aprender a andar dentro da mata como os animais, sem fazer barulho para não assustá-los), trechos, plantas e como utilizar que planta para que ocasião, os nomes dos animais e da vegetação. Era importante aprender o comportamento dos bichos, e também a reconhecer o assobio de cada pássaro, como a replicar este assobio, para responde e atrair o pássaro para perto do caçador. Esta aprendizagem era ensinada sem planejamento, no dia-a-dia, e principalmente nos dias em que os filhos se juntavam aos pais na caça. À noite, durante a caçada, histórias fictícias e verídicas também eram contadas como parte do aprendizado, passando valores que o caçador deveria possuir (mais adiante haverá exemplos destas histórias).

Os caçadores mais antigos, lembram da época de caça como uma parte muito significativa da sua infância. O Sr. Marcelino me explicou, que quando criança, ele, assim como a maioria dos que moravam nesta região, não iam a escola. Aprendeu a ler apenas aos dezoito anos. Portanto, ir caçar era uma ocupação que tomava tempo, e era importante para educação e formação dos meninos.

É importante compreender que esta cultura de caçador esta sumindo rapidamente, logo que veio a proibição da caça nesta região. Assim como a caça, o mundo também esta lentamente perdendo o vasto conhecimento da mata que estes caçadores possuem. O Mané, por exemplo, se desfez de todos seus apetrechos pra caçar, inclusive seus apitos

(pelo qual os caçadores tem valor sentimental). Nunca levou nenhum de seus filhos para dentro da mata. Como este conhecimento era passado de pai para filho, e nunca se teve registro escrito, é importante aproveitar o conhecimento daqueles que continuam vivos, assim como o Sr. Marcelino, que tem um conhecimento admirável e um amor grande pela mata. Ironicamente, acredito que o interesse destes antigos caçadores, não é muito diferente do interesse do parque e de ambientalistas.

O caçador tradicional de Taiçupeba não caçava por fins lucrativos. Este fator é muito significativo, porque se não há interesse financeiro na caçada, então as quantidades de animais caçados são em pequenos números. O caçador tradicional não ganhava lucro em grandes quantidades de animais, muito pelo contrário, ele desperdiçava carne e ameaçava a possibilidade da carne estar presente no próximo ano se caçava mais do que o necessário. Por isto, este caçador tradicional tem uma mentalidade diferenciada dos que caçam por fins lucrativos, e esta perspectiva de caça não é muito diferente da mentalidade ambientalista. Por exemplo, todos entrevistados repetiram várias vezes que caçavam apenas a quantidade necessária para comer. Caçavam no começo de agosto depois da quaresma, já que setembro em diante é época de *copulação*. Portanto, eles preservavam os animais, deixando de caçar filhotes.

Alguns animais citados como alvo de caça nesta região são as aves: macucu, jacu, jaó, jacutinga. Também se caçava o porco popularmente chamado como o porco cateto. Raramente, caçavam a paca, cutia, e a capivara. Quando sobrava carne, eles *moqueavam* para não estragar.

Os instrumentos usados para caça constituíam de uma cartucheira calibre 16 ou 20 com dois canos, também usavam apitos que replicam o assobio de diferentes espécies de

aves. Todos caçadores possuem vários apitos que em geral são feitos de madeira ou metal. No entanto, os apitos mais antigos eram feitos de chifre. Os apitos são passados de pai para filho e é um símbolo de identidade para cada caçador, portanto, eles os guardam com orgulho e carinho. O vestuário do caçador constituía de trajes verdes ou pretos, arrumavam uma mochila com utensílios necessários (como o sal), usavam botas de borracha quase até os joelhos (para evitar picada de cobra), e um cinto que carregava um facão e as balas.

Caçar não era apenas um modo de adquirir alimento, mais do que isto, era um ritual masculino. Para caçar, iam a grupos de três ou quatro pessoas e ficavam por volta de cinco dias. Antes de entrar na mata, pediam permissão para entrar, e para conseguir retornar a salvos. Pessoas que caçavam juntas eram muito íntimas, davam preferência a parentes, já que para entrar no mato requer confiança, cooperação e companheirismo.

Juntos decidiam um lugar para acampar. Neste lugar, eles levantavam com madeira algo que cobrisse suas cabeças durante a noite. Este lugar era chamado de rancho, e cada vez que iam, mudavam de localização porque nos lugares onde os animais nunca foram caçados, a caça tende a ser mais mansa (por exemplo, a caça tende a corresponder mais facilmente ao pio dos caçadores). Na hora de voltar para suas casas, eles recolhiam todos seus materiais, desmanchando o rancho. Assim que saiam da mata, agradeciam por estarem bem.

Caçar é uma atividade idealmente solitária, porque nas palavras do Sr. Marcelino:

- Gosto de caçar sozinho porque se eu escuto qualquer barulho, eu sei que é um animal. Agora, se eu estiver acompanhado, também tem o barulho do seu companheiro, o que dificulta distinguir da onde vem o barulho.

Depois do entardecer, a reunião entre amigos era no rancho. Assim, a caçada era dividida por experiências dualísticas, refletidas na natureza humana: a reflexão individual, assim como a coletividade. Esta separação de atividade era dividida por dia e noite. De dia, o homem convivia sozinho, à noite, ele retornava a vida social.

Todos caçadores descreveram caçar como: uma atividade de reflexão onde existe apenas a companhia de Deus e o sentimento de serenidade e paz. Antigamente, alguns dependiam da caça para trazer alimento para família, mas nem sempre era o caso. Hoje em dia, pelo menos com o Senhor Marcelino, Mané, e Sandro, não havia esta dependência do animal do mato para sobreviver. Para estes caçadores, caçar tem outro significado.

Principalmente o Sandro e o Senhor Marcelino descreveram o momento da caçada como uma atividade onde se pensa muito, onde existe muita reflexão, e um sentimento altruísta. O caçador se sente parte da imensidão de vida contida na mata. Há também a preocupação em respeitar a mata e a vida dentro dela, porque a mata, também tem seu poder (adiante, há histórias que comprovam a crença de forças maiores que coexistem dentro da mata).

No entanto, a noite é um momento social. Ao se reencontrar no rancho, além de dividir (em geral o homem mais velho do grupo dividi tudo que foi caçado em porções iguais) a caça e ajudar na preparação da carne, se contavam histórias à beira do fogo (tanto verídicas quanto fictícias). O Senhor Mané conta:

- À noite a gente contava histórias. Em geral, se contava histórias de caça, mas também se contavam histórias da redondeza, dos parentes. Todos que estavam lá caçando era tudo conhecido. Não se levava qualquer pessoa no mato, não... Tem

que ser conhecido e de preferência de família. A gente ia com pouca gente, dormia tudo pertinho.

O mais interessante do caçador tradicional, é que de certa maneira, ele também é um aluno da natureza. Para sobreviver na mata, até mesmo para conseguir caçar os passarinhos, é preciso ter conhecimento de plantas, e do comportamento da caça. Precisam saber quando que o pássaro vai corresponder o pio, e o que a resposta do pássaro significa. Só conhecendo os hábitos dos pássaros (por exemplo o pio funciona mais durante a época de acasalamento durante o mês de agosto e setembro), que os caçadores são capazes de atrair a caça para perto deles. Também é preciso conhecer a flora da área para conseguir sobreviver por dias dentro dela. No que se tem conhecimento, existe prazer, respeito e admiração. Todos caçadores entrevistados, pensam da mata ali presente, com carinho, e muita nostalgia dos tempos em que conviviam nela. Diferente de pessoas que buscam animais ou plantas por fins lucrativos, os caçadores tradicionais se preocupam em preservar o que tem na mata para futuras gerações, especialmente os que um dia já dependeram dos alimentos ali presentes, existe entre eles a preocupação com o desmatamento.

Confirmaram que hoje em dia os animais existem em maior quantidades porque a caça foi proibida. Antigamente, os caçadores contaram que nunca um grupo de caçador, caçava mais do que uma, ou duas aves. No entanto, havia grandes quantidades de caçadores.

Outros Conhecimentos

- Quando se tinha sede, eles retiravam água de um cipó popularmente chamado de Mambeca ou Imbiruçu.
- Uma árvore extremamente útil é chamada popularmente como Imbira. Eles retiravam a casca dela, e dali, tiravam uma espécie de corda natural. Esta corda

natural da Imbira é extremamente resistente, e serve para fazer laços para caçar. Existem três tipos de laços. Um tipo de laço enforca o animal e mata automaticamente. Existe outro tipo de laço que pega o animal pelo pescoço mas não mata. O terceiro, pega o animal pelos pés e também não mata. A corda da Imbira também serve para fazer alça de mochila, estaleiro para esperar um animal, cinto, e cardaço de sapato. Também serve para amarrar em trilhas perigosas, como apoio.

- Para fazer fogo embaixo da chuva: Raspar a madeira, depois aos poucos, vai aumentando o tamanho, até tirar lascas. Colocar folha de palmeira acima do fogo para a chuva não apagar, e assim se consegue ascender fogo debaixo de chuva.
- Existe uma armadilha para pegar animais de porte grande que é feita com madeira e se chama Mondel. Quando a caça passa debaixo desta armadilha, a madeira cai em cima da cabeça do animal, matando-o.

Ditados e Crenças

- Existe um cipó que se mexe, e quando se esbarra nele, é preciso cortá-lo. Isto é porque, dizem que este cipó é capaz de mudar seu sentido, e fazer com que você se perca no meio da mata. Esta é outra razão que caçador tem que andar sempre de facão, porque se você se esbarrar com a Mandigueira (nome popular do cipó), é preciso cortá-la.
- “Caçar não é só a mata, é também conhecer o seu corpo, o corpo humano”. (Sr. Marcelino).
- “Aprender a caçar foi muito bom para mim. Em vez de fazer besteira, e se perder nas drogas, como muita gente que eu conheci nesta minha vida se perdeu, eu me metia pra dentro da mata onde aprendi muito sobre a natureza” (Sandro).
- A única coisa que não pode esquecer de levar para o mato, é sal.
- Para descobrir se uma fruta tem veneno, você deve pegar uma faca (e se não tiver faca pode fazer com a unha mesmo), você deve apertar a fruta. Se a fruta tiver veneno, um “leite” vai escorrer pra fora da fruta. Se depois de apertar, não tiver leite, pode comer.
- Levava-se muita cachaça, não só porque bebiam a noite durante a conversa, mas como precaução contra mordida de cobra. Quando alguém era mordido por uma cobra, se macetava alho com a cachaça. Também se cortava com o facão no local onde a vítima foi picada, e se espremia para sair o veneno. Assim a vítima da cobra agüentava chegar no hospital, e as vezes nem precisava ir até o hospital.
- “Companheiro de caçada é feito homem e mulher. Muito fiel um ao outro” (Sr. Marcelino).

“Na Mata tem Espírito”

Depois do almoço, o Sandro começou a me contar histórias verdadeiras que ocorreram durante a caçada. Ele começou dizendo:

- É até bom que você não está gravando isto que eu vou te contar porque tem muita gente que não acredita... Mas na mata tem espírito, sabia.

Logo depois, ele me contou quatro histórias que ele disse que aconteceram com ele. Contou que uma vez ele foi para a mata sozinho, e resolveu descansar em cima de uma árvore. Estava com os olhos fechados, quase dormindo, porém escutando tudo a sua volta. De repente escutou um barulho e sentiu uma luz forte na suas pálpebras fechadas. Abriu o olho, assustado, procurando saber o que poderia ser esta luz, mas não achou nada. Fechou os olhos novamente, e a mesma coisa lhe aconteceu. Abriu os olhos e viu um tipo de fogo na beira do rio, que andava pela mata e voltava pro mesmo lugar, sumindo. Assustou-se e foi embora. Depois ele foi descobrir que este “fogo” é a conhecida Mãe do Ouro.

As histórias seguintes, aconteceram com ele, quando ele entrou na mata logo durante a Quaresma. É sabido entre os caçadores que não se deve caçar durante esta época. No entanto, Sandro disse que certa vez ele entrou na mata durante esta época. Quando ele estava lá escutou um barulho muito alto de bicho grande se movendo por dentro das folhagens. O barulho era muito alto e estava muito próximo a ele. Ele foi à direção ao animal que fazia tal barulho desconhecido. No entanto, não existia animal nenhum.

Outra vez, também durante a época da Quaresma, Sandro foi pra dentro da mata. Quando estava voltando pra casa, viu um animal muito estranho, atrás dele. Era um animal estranho, algo que ele nunca tinha visto antes. Parecia um kangaroo, pequeno, saltitante, com um rabo enorme de mais ou menos dois metros. Ele pulava de um lado pro outro. Sandro, como um bom caçador, se assustou com o bicho, mas levantou a cartucheira, pronto para caçar o bicho. Ele atirou mas o animal era mais rápido. Escapava, pulando de uma árvore para outra. Sandro começou a seguir o animal pra

dentro da mata por muito tempo. Quando percebeu estava perdido dentro da mata, e já estava escurecendo. Não conseguiu caçar o bicho, que se perdeu por dentro da mata.

Um grupo de pessoas foi caçar durante a Quaresma. Dentro da mata, resolveram se separar em dois grupos. Eles subiram numa trilha por oito horas. O filho de um dos caçadores foi pra dentro da mata, já que tinha escutado um barulho. Um senhor, velho amigo do pai do rapaz escudou um barulho, olhou pra dentro das folhas, e viu um porco. Atirou. Na verdade, ele acabou tirando no rapaz, que caiu, batendo a cabeça. Este rapaz morreu, não por causa do tiro, mas por causa da pancada que recebeu ao cair. O amigo de seu pai, jura que viu um porco e que atirou num porco. O pai, desconsolado levou o filho no colo até sua casa. Caçador deve sempre respeitar época de Quaresma.

A última história que me contou, ocorreu à noite, no rancho quando todos amigos estavam juntos se divertindo. De acordo com o Sandro, um amigo dele estava fazendo “muita zueira. O cara não parava de zuar na mata, zuava muito”. Até que, na hora de dormir, ele escutava um barulho, um zumbido, muito alto nos seus ouvidos. Começou a ficar louco, perguntando pra todos: “Que barulho é este? Vocês não estão escutando? Ta muito alto!” Para o barulho ir embora, Sr. Marcelino jogou alho no fogo e pediu perdão. Só assim o barulho foi embora.

“Este conto que eu vou contar, é um conto que os antigos contavam para os jovens aprenderem a respeitar a quantidade de animal que pode caçar”...

Uma vez, um homem foi caçar na mata, e viu um bando de porcos. Ao ver uma quantidade tão próspera, saiu atirando, matando vários. Depois de matar tantos porcos, percebeu a dificuldade de carregá-los. No que tentava decidir como iria transportar tantos porcos mortos, chegou um velho do mato, que disse:

-Nossa, que quantidade grande de porcos que você matou. Como é que você vai carregar tudo isto?

-Ah, não sei...era isto que eu estava tentando decidir.

O velho, colocou a mão sobre a cabeça de cada porco e comandava:

-Levanta porco...levanta porco...

Um por um, levantava e ganhava sua vida de volta.

Este conto ensinava para todo jovem caçador que só se pode caçar a quantidade de animal que se consegue carregar.

Sugestões

Sugiro ao Parque das Neblinas, que o conhecimento destes caçadores não deve de ser desperdiçado. Antonio Carlos Diegues e Rinaldo S. V. Arruda, mencionam que há um problema na ciência moderna quando há uma decisão que o conhecimento da biodiversidade deve ser domínio exclusivo da ciência.³ É um problema, porque no momento que uma área precisa ser excluída de todos, cientistas

*necessitam de um não-lugar de um parque nacional ou de uma área de proteção que não permite a presença daquelas populações tradicionais que colaboram para que aquele pedaço de seu território se mantivesse preservado. O parque nacional acaba representando um hipotético mundo natural primitivo, intocado, mesmo que grande parte dele já tenha sido manipulada por populações tradicionais durante gerações, criando paisagens mistas de florestas transformadas e outras que, raramente, sofreram intervenções por parte dessas mesmas comunidades.*⁴

A minha proposta, é de encontrar uma maneira em que estes caçadores participem da preservação do Parque. Afinal, o conhecimento que eles trazem, é o conhecimento daqueles que manipularam e transformaram a mata no seu estado “original”. O Parque das Neblinas deveria utilizar estes caçadores tradicionais, para identificar e catalogar o uso de plantas e bichos dentro do parque, e também para localizar intrusos que estão extraindo material ilegal ou caçando ilegalmente filhotes de aves para vender na capital. Se os biólogos conhecem a técnica, estes caçadores têm a prática e o *know how*. Principalmente os mais velhos, conhecem todos os trechos dentro da mata, as plantas, e os animais. Portanto, eles sabem andar em lugares remotos, e conseguem reconhecer a extração de vegetação.

³ Arruda e Digues, pág. 33.

⁴ Arruda e Digues, pág. 33.

Para isso, o Parque das Neblinas deveria tirar proveito da ligação que o Sandro tem com o Parque e com os caçadores tradicionais. É pelo Sandro, que o Parque possibilita o relacionamento dos caçadores com o Parque.

O Sandro mencionou que ele teve a idéia de fazer uma “caçada fotográfica”, onde ele, e caçadores como Senhor Marcelino poderiam andar pela mata, utilizando uma máquina fotográfica em vez de uma cartucheira, para tirar fotos de animais e plantas. O Parque, na minha opinião, deve incentivar esta idéia para catalogar e finalmente criar um registro deste conhecimento tradicional que até então tem sido transmitido oralmente.

Mini Glossário

Bodoque: Arco e flecha.

Copulação: Época em que os animais estão reproduzindo.

Moqueavam: Colocar carne ou peixe para secar, evitando que estrague.